

A Linguagem e a Literatura de Cordel

Léa Mara do Nascimento Corrêa

1. INTRODUÇÃO

As diversas manifestações da linguagem verbal e não verbal são parte constante na vida dos seres humanos. Entretanto, considerando nossa capacidade de articulação da linguagem, pode-se afirmar categoricamente que o uso da palavra através da fala é o principal mediador na expressão e na comunicação entre os indivíduos. O avanço da expressão escrita, fato crescente de forma paulatina em nossa sociedade, pode e deve ser acrescentado a essa mediação. A junção desses dois elementos, linguagem verbal oral com a linguagem verbal escrita, de certo modo, converge na construção da expressão popular, vindo objetivar esse estudo, no sentido de apresentar o quanto a Linguagem pode influenciar na Literatura.

Os moradores do campo em nosso país, que, historicamente, ao longo dos últimos séculos, não tiveram acesso à chamada educação formal, acostumaram-se à abordagem de suas ideias através da Literatura de Cordel, expressando em feiras ou praças públicas os pensamentos mais intrínsecos relacionados à política, à religião, à cultura, à economia e à sociedade, em suas próprias vidas, ou na de outrem, de uma maneira alegre e, muitas vezes, sarcástica. Deve-se ressaltar que, no passado, os indivíduos de classes consideradas inferiores não tinham acesso à leitura.

Se pensarmos num passado um pouco mais distante, como a Idade Média, sabe-se que a população em geral também não conseguia adquirir a compreensão da palavra escrita, habilidade desenvolvida basicamente nos mosteiros. É evidente que condições sociais econômicas e materiais da época contribuía para a manutenção desse quadro. Os livros eram escritos em Latim e essas pessoas, principalmente as de classe social inferior, não compreendiam essa língua, mas possuíam experiências de vida suficientes para compreenderem a explo-

ração da elite em relação aos pobres, numa situação que, de certo modo, ocorre ainda hoje. O poder de expressão e de comunicação oriundo do povo, entretanto, manteve-se ao largo do Latim, criando novas línguas resultantes da chamada Língua mãe. As histórias de amor e de aventura começaram a se desenvolver nessas novas expressões de linguagem, tomando corpo e se espalhando pela população.

O autor Pedro Demo em seu livro “Ser Professor é cuidar que o aluno aprenda” (2006) revela que, dentro do contexto intrínseco das pessoas, existem diversas maneiras para facilitar o bom entendimento entre os seres humanos por meio da linguagem e de sua expressividade, as quais serão vistas no decorrer deste trabalho. Deste modo, o presente estudo apresenta como problemática o quão é fundamental considerar a essência das raízes de cada indivíduo para a aquisição da linguagem e de sua expressividade, através da comunicação, não apenas diária, mas também literária. O trabalho será desenvolvido por meio de referências bibliográficas.

2 A LINGUAGEM

2.1 Linguagem e Expressão

Determinar a linguagem e a expressividade dos seres humanos é de fato eterno, pois, a cada momento, podemos nos comunicar de diversas formas. Entretanto, se considerarmos a expressão oral e escrita dentro da norma culta, teremos que seguir o padrão imposto pela gramática normativa. No início do texto, abordou-se a maneira popular da fala, quando o contexto ao qual o indivíduo está submetido é o elemento mais importante. Suas ideias provêm de inúmeras experiências vivenciadas, dando suporte à fala natural, resultante do convívio social estabelecido na região pelos diversos fatores culturais, englobando, neste caso, religião, política, economia e demais fatores.

Assim, o que se aprende pela fala pode interferir nos conhecimentos construídos através da ortografia e vice-versa, de maneira constante, com avanços ou evoluções, de forma que esses aprendizados possam obter o desenvolvimento das funções no âmbito

geral ou de forma específica do indivíduo. Considerando o aspecto religioso, por exemplo, o texto bíblico apresentado em Gênesis revela aos adeptos dessa crença como se iniciou a diversidade de linguagem na história da humanidade:

...Ora, em toda terra havia apenas uma linguagem e uma só maneira de falar... Cap.1

...E o Senhor disse: Eis que o povo é um, e todos têm a mesma linguagem. Isto é apenas o começo; agora não haverá restrição para tudo que intentam fazer. ...Vinde, desçamos e confundamos ali a sua linguagem, para que um não entenda a linguagem de outro... Cap.7 ...Chamou-se-lhe, por isso, o nome de Babel, porque ali confundiu o Senhor a linguagem de toda terra e dali o Senhor os dispersou por toda a superfície dela... Cap.91

1Gn 11: 1,6,7 e 9. In: ALMEIDA, João Ferreira de: A Bíblia e Hinário Novo Cântico. Antigo e Novo Testamento.

Segundo essa visão, os versículos acima apresentam a ideia de que os homens, naquela época, falavam uma única linguagem. No entanto, para chegar à presença de Deus com o intuito de se igualar a Ele, começaram a construir uma torre imensa, chamada de Babel. Para impedir que tal ocorresse, o Deus da Bíblia fez com que todos se confundissem em suas linguagens, para que, não compreendendo suas línguas maternas, eles pudessem se entender. A partir dessa apreciação, teriam surgido diversas maneiras para a comunicação do ser humano. Deste modo, enfatizamos mais uma vez o tema abordado nesse trabalho, apresentando a natureza intrínseca das pessoas como um fator importante. Queremos ressaltar que, neste trabalho, não deixaremos de lado a gramática normativa; entretanto, procuraremos nos ater mais detalhadamente à linguagem e à literatura de Cordel como forma de expressão e de comunicação popular. O texto falado continua, porém, desde a antiguidade, longe do foco das pesquisas literárias e, com pesar, não podemos imaginar avanços numa tradição sem ideias ou sem memórias, principalmente se fixarmos na maneira como iremos registrar a escrita e a fala, pois ambas são indispensáveis para a transmissão cultural dos seres humanos. “O autor Pedro Demo (2006) mostra em seu livro: ‘Ser professor é cuidar que o aluno aprenda’”, mostra essa realidade também e enfatiza conservação intrínseca dos seres humanos no trecho abaixo:

*...Embora avaliação possa ser satânica, o abuso
não tolhe o uso.
Como é nas escolas públicas das grandes periferias e
interiores que a
aprendizagem é mais precária, agrega-se a isto certa
pieguice social:
os alunos são tão desvalidos que deles nada se
deveria exigir. Há
ainda os que, a título de respeitar as culturas próprias,
tomam o saber
popular como ponto de partida e de chegada, prendendo
tais alunos a
mundos culturais que o marginalizam ainda mais.
Sabemos já que
educação não pode descuidar dos saberes disponíveis,
em particular
porque este é o caminho para começar de dentro para
fora...2*

Este trecho evidencia que a realidade, tanto dentro do ambiente escolar como fora dele, mostra que pessoas possuem preconceitos no que se refere a uma linguagem diferenciada da proposta pela gramática normativa. Ainda segundo Demo, há de se ter respeito em relação às dificuldades e diferenças de todos os indivíduos, uma vez que cada um tem seu potencial nato. O importante, então, é saber se o avaliador já reviu seus conceitos, pois assim poderá também ser avaliado ou avaliador de experiências intrínsecas humanas.

O autor diz que a avaliação pedagógica assemelha-se ao meio de transporte. Neste caso, o trem, que desembestou ou descarrilou e perdeu seu rumo, sendo um passo crucial na exclusão social e no aprendizado. Ele acredita que temos que dar o nosso melhor para fazer com que o aluno aprenda, em vez de crucificá-lo em suas debilidades, ditando regras para decorebas, forçando-o ao aprendizado, sem ouvi-lo e sem tentar compreender a vivência do mesmo. A autora Eni Puccinelli Orlandi afirma que existem outras formas de se falar, como a linguagem do silêncio. Ela evidencia que tanto as palavras como o silêncio são formas de comunicação e expressão, mas, de fato, não poderão calar o

ser humano em querer dizer ou não dizer alguma coisa, como está sendo feito neste trabalho. Existe um dizer implícito, que poderá ser revelado ou não de acordo com a vontade de cada um. Essas variedades de sentidos são dúbias. O sentido do silêncio seria uma coação ou expulsão do indivíduo dominado pelo poder político ou social. Em contrapartida, poderia ser também no sentido de força. As pessoas são levadas, através de estratégias, a não dizerem o que pensam, por não desejarem magoar alguém ou arrumar conflitos com outrem. Puccinelli mostra que esse ‘não falar’ é muitas vezes involuntário como barulho de comunicação entre os seus interlocutores. A nossa pesquisa determina que esse acontecimento seria o fator principal no qual as pessoas não se compreendem em suas linguagens ou falas graças ao pré-conceito, o qual ocorre, geralmente, por serem de situações financeiras e sociais, culturas, credos, regiões e países diferentes. No entanto, se a convivência for estabelecida, conseguirão assimilar um número de experiências diferenciadas, podendo absorver novos entendimentos, aprendizados e consequentes relacionamentos.

Segundo a autora, tanto a verbalização quanto o não falar, ou seja, o “silêncio”, possuem seu modo de produzir, gerando uma rachadura ou intervalo indesejado. Eles poderiam acarretar muitos barulhos ou falhas na comunicação. Para ela, seria um momento de não clareza, momento esse da fala silenciadora mal sucedida. Se considerarmos uma ditadura política, social e econômica, com certeza, isso impediria que as pessoas falassem o que pensam, não podendo se expressar, mas seriam forçadas a dizer o que não querem. É lamentável percebermos que, contemporaneamente, de certo modo, vivemos assim. O relato da autora abaixo enfatiza esse comentário:

...A fala pode ser silenciadora quanto ao que se diz. Em certas condições, se fala para não dizer certas coisas, para não permitir que se digam coisas que causam transformações limites, ou melhor. Como diria Caetano, para não se dizer (ou deixar dizer) a outras

palavras. Nesse sentido, a fala é silenciadora enquanto domínio do mesmo. Esse processo de silenciamento produzido pela fala pode ter vários sentidos, com efeitos variados e finalidades bastante diversas...

Puccinelli também relata a respeito da variedade da linguagem com seus múltiplos modelos e costumes diferentes do discurso. Quando ela relata o não dizer refere-se ao subentendido mencionado nos sentimentos obscuros, ou melhor, do inconsciente pelos argumentos ou retóricas do discurso espelhado na noção ideal. A crítica do uso e da habilidade das palavras que algumas pessoas possuem não a difere daquelas que usam as palavras com menos conhecimento da gramática normativa. A sociedade impõe e sufoca os que não possuem acesso à leitura. O presente estudo da Linguagem e da Literatura de Cordel irá mostrar que autores que não possuíam tanto conhecimento desse aspecto gramatical alcançaram destaques e chegaram ao sucesso tanto quanto os que possuem.

2.2 Definição e Importância da Linguagem

Ao conceituarmos linguagem e sua importância, devemos, em primeiro lugar, deixar bem claro que a língua é um resultado social da qualidade da linguagem e de um grupo de fatores necessários escolhido pelo corpo social, para possibilitar o exercício de tal capacidade dos humanos. Saussure nos afirma que a língua é apenas uma peça que facilita o exercício da linguagem nos indivíduos, além de ser um conjunto de ajustes. Simplificando, a língua jamais será confundida com o uso da linguagem humana. Até porque o nosso linguista ratifica que:

...Como se imaginaria associar uma ideia a uma imagem verbal se não se surpreendesse de início esta associação num ato da fala? Por outro lado, é ouvindo os outros que aprendemos a

língua materna.
Ela se deposita em nosso cérebro somente após
inúmeras
experiências. Enfim, é a fala que faz evoluir a
língua: São as
impressões recebidas ao ouvir os outros que
modificam nossos
hábitos linguísticos. Existe, pois, interdependência da
língua e da fala.
Aquela é ao mesmo tempo o instrumento e o produ-
to desta. Tudo
isso, porém, não impede que sejam duas coisas
absolutamente
disintas...

Ferdinand não aprova a presunção de uma competência de senso comum da linguagem humana, em ação própria disto, determinando que se preze e averigüe somente seu fluxo de fatos técnicos. Isto, em absoluto, não destrói o estudo da linguística, que, de toda maneira, é essencial. Traça transferência que ela não foi construída para atender à linguagem dos seres humanos, mas sim, seu objetivo técnico, que é a língua. Desta forma, explica o porquê do campo da semântica ter sido sempre um parente menor no que se refere aos estudos e à bibliografia linguística. Eminentemente, porque aponta para a única coisa que fica realmente fora da língua, ou seja, do mundo. Saussure aborda também sobre a fala, onde a linguagem é uma incógnita, a língua o aprofundamento dos signos e suas regras de combinação, enquanto a fala seria a prática individual dentro dos limites da língua, sendo igualmente rejeitada como objeto de pesquisa da linguística, ou seja, nem a linguagem é uma excelência, nem a fala a prática pessoal da linguagem. Então, vamos nos dedicar ao objeto que possibilitará a fala. Para entendermos melhor essa afirmação, é satisfatório termos experiências com qualquer criança pequena com mais ou menos seis meses de idade. Embora ainda não fale, não quer dizer, porém, que não possua linguagem. A criança se comunica, tem desejos, mostra desgostos e consegue obter suas necessidades básicas do dia a dia através dos seus responsáveis, que possuem sensibilidade e contato direto com ela. A

mesma não fala porque não possui domínio sobre o objeto técnico, que é a língua. Ela ainda não utiliza a parte emissora dos seus talentos natos, porém a pessoa que a cerca percebe, recebe a mensagem e entende perfeitamente quando a criança chora, esperneia etc. e acaba satisfazendo suas necessidades. Ela ainda não conhece as peripécias da produção vocal, mas há de aprender copiando dos falantes que a cercam. A criança tem domínio parcial, de forma que ela vai se expressar e se comunicar para conseguir suas necessidades futuramente. Portanto, não se pode dizer que ela não possui linguagem. Outra história de expressividade e comunicação foi contada por um professor de Matemática, chamado Marcos. Ele disse que, durante a aula, percebeu um aluno que não sabia armar uma conta para fazer a somatória. Conversando com esse aluno de 22 anos de idade, ficou sabendo que era usuário de drogas. O aluno começou a comentar sobre o seu “trabalho”, pelo menos era assim que ele falava de sua situação, dizendo que tinha um trabalho. Durante a conversa, o professor percebeu que o rapaz sabia muito bem contar as gramas da cocaína. O aluno relatou ainda que, se ele errasse um grama, seria morto pelo chefe do tráfico.

O professor então teve uma ideia para ajudar o referido aluno em sua matéria. Levou para a sala de aula 1 kg de fubá e pediu ao jovem que tirasse 100 gramas daquele mesmo quilo de fubá. O estudante conseguiu. Após a experiência vivida pelo professor e o aluno em aula, o mesmo educador entendeu a expressividade e a comunicação que a experiência de vida e a realidade desse aluno trouxeram para que houvesse um crescimento tanto para o professor como para esse aluno, levando também ao êxito na disciplina de Matemática e na vida de ambos. Deste modo, mostramos essa veracidade permanente na vida das pessoas: Observe no trecho abaixo:

...A etimologia popular não age, pois, senão em condições particulares, e não atinge mais que as palavras raras, técnicas ou estrangeiras, que as pessoas assimilam imperfeitamente. A analogia, ao contrário, é um fato absolutamente geral, que pertence ao

funcionamento normal da língua. Esses dois fenômenos, tão semelhantes por certos lados, se opõem na sua essência, deve ser cuidadosamente distinguidos...5

Como relatamos anteriormente nesse trabalho que o importante é sempre manter as experiências de vida naturais de cada ser humano, temos mais um exemplo, quando outra pessoa relatou que, em sala de aula, na sua adolescência, passou por uma experiência interessante e inesquecível.

Durante uma aula de redação, a professora pediu que cada aluno pensasse num piquenique e o que o compunha, para, depois, produzirem a redação sobre o tema abordado. A maioria dos alunos, que já haviam ido a um piquenique, disseram alguns componentes: Toalha de mesa para forrar a grama, uma cesta, maçã, bolo, pão, suco, café, doces, sanduíche, presunto etc.

A professora resolveu então perguntar quem sabia o que era presunto.

Um dos alunos não disse nada, e ela o interrogou, querendo saber por que ele não havia dado um exemplo também como os demais colegas. O aluno lhe respondeu, dizendo que nunca havia ido a um piquenique e o que ele conhecia da palavra presunto não era igual à mesma coisa que os outros haviam dito.

Então a professora disse que ele podia dar sua opinião em relação a essa

palavra. Houve um silêncio enquanto ela aguardava a resposta. Logo em seguida, ele disse que, onde ele morava, presunto significava pessoas mortas.

5SAUSSURE, Ferdinand, de Curso de Linguística Geral. P. 204.

O contexto de cada um é diferente, dependendo da experiência que se vive. Novamente, reforçamos nesse presente estudo que as raízes devem ser mantidas e devemos adequá-las às novas maneiras de entendimento, expressão e comunicação humana. A professora explicou o sentido da palavra “presunto” e só então se iniciou a tão esperada redação com o tema Piquenique.

Segundo Othon M. Garcia, se a pessoa possui uma boa pronúncia ou dicção, não quer dizer que a mesma não precise estudar aprimorar seus conhecimentos para vencer na vida. Fazendo assim, as pessoas poderão ter mais senso crítico em contraponto com as que não possuem melhor acervo lexical.

Ele contava que ocorreu uma avaliação de vocabulário pelo Dr. Johnson

O’Connor na oficina de Engenharia Humana de Boston e do Instituto de Tecnologia de Hoboken, Nova Jersey, quando fez uma pesquisa com cem estudantes, todos gestores de diversas empresas.

Logo após o período determinado, notou-se que os dez por cento dos que possuíam melhor léxico

*se mantiveram em seus cargos de direção. Os demais,
com vocabulário mais
pobre, não conseguiram cargos de igual destaque,
conforme relata no capítulo
do livro: Os Sentidos das Palavras.*

*... Isso não prova, entretanto, que, para vencer na vida,
basta ter um
bom vocabulário; outras qualidades se fazem, evi-
dentemente,
necessárias. Mas parece não restar dúvidas de que,
dispondo de
palavras suficientes a adequadas à expressão do
pensamento de
maneira clara, fiel e precisa, estamos em melhores
condições de
assimilar conceitos, de refletir, de escolher, de jul-
gar, do que outros
cujo acervo léxico seja insuficiente ou medíocre para a
tarefa vital da
comunicação...*

De acordo com o estudo realizado neste trabalho, os que não estão entre os dez por cento citados acima são essenciais para nossa pesquisa, pois as palavras e as ideias mostram que fazem a diferença, principalmente quando se fala em Literatura de Cordel, uma vez que a simplicidade e a vivência política, social, religiosa e regional tornam-se prioridades. Entendemos, então, que a natureza de cada pessoa contribui não só para desenvolver a linguagem, mas também para despertar a criatividade dos autores que ficaram famosos com a literatura de Cordel, conforme abordaremos no próximo capítulo. Outro autor renomado, Roman Jakobson (1969, p.73), nos fala que o desempenho exagerado da linguagem falada deu início à teoria da comunicação de uma forma mais conturbada do que o elemento mais tímido, que é linguagem escrita. Para ele, a análise linguística trouxe rapidamente à linguagem oral pedaços de informações chamados por ele de traços distintos, que se juntam em acervo constante, chamados fonemas. Os fonemas colaboram

para a pronúncia quando emitidos. De certo modo, as pessoas precisam de uma entonação para a linguagem e, conseqüentemente, podem falar com bastante clareza. Quando os traços distintos esclarecem informações coletivas, permitem ao ouvinte remontar algo necessário extraído da mensagem, colaborando para a oralidade e o seu entendimento, no qual o autor aborda que:

...O análogo linguístico deste problema é a pesquisa fonológica dos invariantes relacionais. As diversas possibilidades de medida da quantidade de informação fonológica que os engenheiros de comunicações entreveem (quando distinguem entre conteúdo de informação “estrutural” e “métrica”) podem fornecer à Linguística, tanto sincronicamente quanto histórica, dados preciosos, particularmente importantes para a tipologia das línguas, quer do ponto de vista puramente fonológico como da interseção da Fonologia com nível léxico-gramatical...7

Cada conhecimento adquirido por cada ser humano é aglutinado para fazer transformações internas em menor ou maior grau, pois nem todos possuem experiências natas iguais, mas esse processo contribuirá para desenvolver a comunicação e a expressão. Assim, o que se aprende pela fala pode interferir nos conhecimentos construídos através da ortografia e vice-versa, de maneira constante, com

*avanços, de forma que esses aprendizados possam
obter maior
desenvolvimento nas funções de âmbito geral ou na
forma específica de cada
indivíduo, compreendendo melhor as afeições entre a
fala, a compreensão e a
escrita. Ingedore salienta que o homem e a lingua-
gem são constituídos por
ondas luminosas que se aclaram na semântica e na
interação dos indivíduos
pelo objeto de estudos de fórmulas que regulam os atos
mediadores da língua
através do ato de argumentar. Veja esse trecho da auto-
ra:
...Foi com o surgimento da Pragmática que o estudo
do discurso e,
em decorrência, o da argumentação ou retórica –
passou a ocupar
um lugar central nas pesquisas sobre a linguagem.
Essa
preocupação teve início no momento em que se passou a
incorporar
a enunciação ao estudo dos enunciados linguístico, o
que deu origem
à Teoria da Enunciação...*

Portanto, nos próximos capítulos, iremos mostrar como a Linguagem e a Literatura de Cordel, possuem formas de linguagem simples, mas evidenciam que os valores natos dos seres humanos excedem qualquer preconceito existente, contrapondo a pragmática da norma padrão. A essência do indivíduo terá que ser somada às novas experiências de outrem para melhor expressão, comunicação e interação dos homens. Desde a formação das línguas neolatinas na Idade Média, percebe-se a importância da linguagem popular na construção de uma literatura cujo intuito era expressar o sentimento popular. Segundo Segismundo Spina (1997), tal fato ocorreu num momento em que transformações linguísticas, sociais, religiosas e econômicas estavam iniciando um processo carregado de

mudanças culturais que desembocaria alguns séculos depois naquilo que se chamaria posteriormente de Idade Moderna.

...O ingresso na cultura medieval, em especial a literatura, não se faz sem pagarmos um pesado tributo; a compreensão dos valores dessa época exige do estudioso uma perspectiva ecumênica, pois as grandes criações do espírito medieval, na arte, na literatura, na filosofia são frutos de uma coletividade que ultrapassam fronteiras...

A Cultura literária sempre se apresentou como criadora de instantes decisivos para a evolução histórica que compunha essa época. A partir dessas transformações, vamos nos ater às histórias dos Folhetos de Cordel, pois entendemos que podemos nos arriscar por esse universo de ideias ou de imaginação literária onde a linguagem se entrelaça com a dos autores que se dedicaram a escrever suas Histórias de vida e de outras pessoas. É evidente que essas histórias estão relacionadas à linguagem de um povo, seja na religião, na economia, na sociedade e na política.

3 A LINGUAGEM POPULAR NA LITERATURA

3.1 A Literatura Popular

A Literatura medieval mostra a cultura e a vivência de uma situação histórica específico no continente europeu num momento de preparação para a Idade Moderna. Neste caso, destaca-se a particularidade da quebra de relações sociais literárias passadas, como o surgimento do realismo grotesco, acompanhado do coloquialismo. Tal acontecimento foi importante para o surgimento de uma literatura harmônica e humorística, capaz de influenciar na formação da linguagem e da literatura que surgiriam a partir da gestação das línguas neolatinas. Inicia-se, deste

modo, a apresentação das tendências medievais na literatura, que, impulsionando inúmeras manifestações referentes à oralidade, surge como mediadora para as classes populares. Nessa época, a linguagem popular começa a se evidenciar, rompendo paulatinamente com o padrão imposto até então pelo Latim. Essa etapa enfatiza a consciência e a influência do vocabulário na literatura de cunho popular. O tema abordado nesta pesquisa relata alguns autores que ratificam essa literatura, como prova de que a linguagem do ser humano é mutável. As pequenas histórias, baseadas em fatos do cotidiano, são exploradas pelos autores que apresentaremos posteriormente neste trabalho. Segundo Domício Proença Filho:

...A Literatura tradicionalmente entendida como uma arte verbal. A arte da palavra, segundo Aristóteles. Mas isso diz pouco. Mesmo porque durante longo tempo, limitava-se às composições em verso. Considerando o termo, em sentido restrito, a partir de uma perspectiva estética, isto é, como o equivalente à criação estética, o conceito de literatura, como acontece com outros fatos culturais, não é matéria pacífica entre os estudiosos que a ela se dedicam. Resiste ao rigor de uma conceituação...

A linguagem literária de um povo é a sua espiritualidade e um recurso que, conseqüentemente mostra a maneira de pensar e o modo de falar das pessoas, relativamente unidas numa determinada comunidade. Afinal, o que pensamos e dizemos são inseparáveis. Esse recurso de conteúdo e forma de expressar ideias expandiu-se da convivência com outras pessoas e nos permite pensar e falar desde outrora. Proença diz que o ser humano sobrevive sempre interagindo com o sentido denotativo da vida, porém os símbolos que a vida nos traz exigem que venhamos a entender e a transformar sinais, com o intuito de nos

permitir a comunicação, usando esses símbolos como informações que devem ser transformadas em linguagem. Cada ser humano possui um ideal nato de linguagem que precisa ser eternizado e somado a novas expressões e interpretações. Na Literatura Portuguesa, existe um sentido peculiar para a definição de literatura. Não podemos declarar com firmeza que tudo que se escreve é uma obra literária, mas, no que tange à parte conceitual, podemos dizer que a literatura baseia-se na ideia lógica da argumentação, da filosofia, da ciência e da doutrinação do ser humano. Ela procuraria se adequar basicamente aos impulsos sentimentais do que às noções preferenciais, como as atitudes, a linguagem e a expressão de cada um. Antônio José Saraiva nos ensina melhor esse pensamento:

*...Na literatura, como em geral na cultura, pode
sempre distinguir-se
uma ideologia, quer dizer, um conjunto de precon-
ceitos
historicamente determinados, uma visão geral e
discutível da
realidade e das aspirações humanas. Todavia, pela
sua complexa
elaboração de uma matéria de vida social já
incipientemente moldada
em formas linguísticas e imaginativas, mais ainda
não assimilada a
finalidades conscientes, a estruturas de uma boa
obra literária,
oferece inesgotáveis aspectos que extravasam das
ideologias cujas
raízes históricas são já reconhecíveis...*

Valorizar e priorizar a língua materna, cronologicamente, agrega estilos, autores e obras de diversos entendimentos, com todas voltando-se para a vida social. A forma intrínseca de falar das pessoas sempre trará influência na linguagem e na literatura mostrando a presença da vivência humana na criação literária. Deste modo, devemos estar atentos às chamadas obras de ficção, quando a imaginação ou a fantasia desempenham um fator dominante e, por isso mesmo, bem diferente da

imaginação consciente. Nos próximos parágrafos mostraremos alguns autores que fizeram de suas histórias de vida um marco para humanidade, relatando toda sua experiência religiosa, econômica, social política e regional, sem nenhuma vergonha da simplicidade de cada um deles. Muitos desses autores conhecem a norma chamada padrão, porém não deixaram de ficar famosos contando sobre suas vidas ou vidas alheias, estabelecendo ligações, entretanto, com a simplicidade e o léxico nem sempre presentes na norma supracitada. A ficção literária possui autonomia suficiente para objetivar experiências sociais, as quais podem ser notadas em estilos e características de cada idioma e ou de estilos próprios de cada camada social ou de determinada época, conforme podemos observar no texto abaixo:

*...Segundo opinião bem conhecida de J. P. Satre, o poeta
(que, para
o efeito, poderíamos considerar como o mais típico
autor literário)
sente as palavras ou frases como coisas e não como
sinais, e a sua
obra como um fim e não como um meio ao serviço
de fins
extrínsecos. De que maneira se poderá harmonizar
tal opinião com
consciência de que nos servimos sempre das pala-
vras ou frases
como meio para certos fins ou intenções?...*

Desta forma, utilizaremos ou organizaremos nossas opiniões ou palavras e frases como mediadoras de propostas endereçadas a outrem, podendo ser aceitas ou não. Pode-se afirmar, neste caso, que a expressão literária na poesia é um movimento mental que se apresenta a partir da imaginação e da expressão dos diversos autores. A arte e a literatura contribuem para a qualidade das ideias das pessoas em seu íntimo, sendo de valor totalmente efetivo e intelectual, o que acarretará uma estrutura própria em sua formação. A linguagem literária contemporânea procura expor as palavras de forma simples e objetiva, de maneira que até as pessoas menos instruídas possam compreender

o que se quer dizer. Antigamente, entretanto, essa linguagem, pelo menos se considerarmos o modo como ela era cultivada pela crítica, apresentava-se de forma muito mais rebuscada. A linguagem literária atual visa tanto à estética quanto à vida social e se apresenta segundo o que diz respeito à novidade contida na gramática e de acordo também com o que se encontra em concordância com a linguagem. Além dos novos estudos técnicos, a linguagem tornou-se coloquial e bastante espontânea, adicionando expressões da língua culta com termos populares bem acentuados e de maneira elevada com o estilo vulgar de escrever, de falar e de exprimir o pensamento. Existe, neste caso, uma grande aproximação com a fala, ou a oralidade, e normalmente almeja apontar a realidade como ela é, de forma transparente, objetiva, fria. Assim, livre da escrita intelectual, na literatura popular medieval surgiu como embrião da chamada literatura de cordel, quando o poeta se volta para uma forma de falar feita de palavras simples, admitindo, inclusive, algumas gafes gramaticais.

...E são precisamente essas blasfêmias ambivalentes que determinam o caráter verbal típico das grosserias na comunicação familiar carnavalesca. De fato, durante o carnaval essas grosserias mudavam consideravelmente de sentido: perdiam completamente seu sentido mágico e sua orientação prática específica, e adquiriam um caráter e profundidade intrínsecos e universais. Graças a essa transformação, os palavrões contribuíram para a criação de uma atmosfera de liberdade, e do aspecto cômico secundário do mundo...

As ideias literárias provêm da cultura, incluindo, muitas vezes, preconceitos existentes no grupo social. Deste modo, é possível que essas obras ofereçam aspectos que destaquem as diferenças sociais presentes nas ideias e suas consequentes origens históricas. Elas são

reconhecidas por estarem cheias de intenções diversas, sendo valorizado por trazerem questões de todo tipo, apresentando cunho, não apenas pessoal, mas também universal. Mikhail Bakhtin considera fundamental a produção de François Rabelais, visto ter sido esse escritor quem soube expressar com maior intensidade o comportamento social de sua época. O poeta popular renascentista foi

responsável pela disseminação da língua francesa, inclusive em seu aspecto literário, não apenas na França, mas também no mundo. O pensamento de Rabelais, ainda segundo Bakhtin, teria abrilhantado o universo incansável do pensamento e de suas expressões como forma de comunicação verbal oral e escrita, entrelaçando a imaginação e a linguagem popular. Esse linguajar encontra-se intrínseco nas gerações da cultura dos povos, fazendo um resumo límpido entre o popular e a imaginação. A característica da risada se contrapõe com o poder político, dando lugar ao valor da vida e da alegria de cada indivíduo, na Idade Média e no Renascimento. A fonte da antiguidade é firmada pelos princípios estéticos do realismo bruto, que jamais pode ser compreendida, a não ser de modo parcial, sendo somente separada nesse contexto.

Nessa geração, quando se analisam as variedades de acontecimentos da cultura popular do espetáculo, das produções cômicas escritas e verbais, das festas e das palavras grotescas de tino familiar, Bakhtin detecta um panorama de mundo específico e traçado pela alegria, ressaltando a troca de valores oficiais de caráter inovador e contrário à ordem da época.

*...Se inicialmente os juramentos não tinham relação
com o riso, ao
serem eliminados da linguagem oficial, infringiam suas
regras verbais,
não lhes restou outro recurso senão o implantar-se na
esfera livre da
linguagem familiar. Mergulhados no ambiente do carna-
val, adquiriram
um valor cômico e tornaram-se ambivalentes...*

Como consequência, a inovadora forma de comunicação e expressão gerou novas formas linguísticas: gêneros originais e transforma-

ções de sentido ou exclusão de certas formas que não se usavam mais. Essa obra mostra como surgiram os poetas considerados simples que usavam linguagem fora da norma culta. Embasado nesse mundo inovador, ele sugere uma leitura original e avassaladora com bastante clareza da obra de Rabelais, seguindo os parâmetros dos pensamentos renovadores da produção literária. A Idade Moderna fluiu com as tradições nacionais e a perspicácia ocidental. Nessa época, segundo Peter Burke, surgem os primeiros folhetos populares impressos, destacando as experiências de vida dos camponeses e artesãos. Vejamos agora os autores que se destacaram dentro da literatura de cordel.

3.2 A Literatura de Cordel

Tentar Conceituar Literatura de Cordel, com certeza, é entender que é preciso pensar de forma diversificada, devido a abrangência de temas encontrados nesse gênero. O cordel é um livro impresso, com poucas folhas e não encadernado. Trata-se de uma obra literária composta sempre em versos de sete sílabas, a chamada redondilha maior, e apresenta como estrofe mais utilizada a sextilha (seis versos), podendo também ser feito em forma de (sete versos), oitavas (oito versos) ou décimas (dez versos). Nascida no interior do nordeste, a partir dessa herança medieval portuguesa, essa literatura representa uma manifestação da cultura popular, sendo os livros também chamados de folhetos ou romances, tendo suas capas geralmente feitas em xilogravura. O texto não costuma ser extenso, com os vendedores deixando os livros expostos para venda, presos de forma que não toquem no chão, em cordas ou cordéis, fato que deu origem ao nome. Nesses folhetos, nascidos no interior do Nordeste, contam-se histórias relacionadas à política, à religião, ao comportamento, à cultura, à sociedade, enfim, sempre expressando os aspectos sociais da região nordestina. Com o processo migratório do sertanejo, ou do nordestino em geral, principalmente ao longo dos anos 50 e 60, essa literatura se espalhou por todo o país, tendo-se disseminado principalmente nos dois maiores centros urbanos da região Sudeste, Rio de Janeiro e São Paulo. Como os poemas são escritos em forma de rima, os autores cantam esses versos de forma rítmica com regularidade de pausa, de entoações e de movimento

acompanhados pelo som da viola. Fazem declamações bastante entusiasmadas e animadas com o intuito de atrair compradores e conquistá-los. Os estados do Nordeste que mais apresentam essa literatura são: Ceará, Paraíba, Rio Grande do Norte e, em especial, Pernambuco. O aumento da população levou à urbanização por carência de espaço e, conseqüentemente, obrigou as pessoas que trabalhavam no campo a se instalarem nas cidades. Foi o momento de novas formações econômicas, o que levou ao empreendimento comercial, incluindo, neste caso, não apenas as capitais nordestinas, mas também o Rio de Janeiro e São Paulo. Tal processo de popularização, segundo Peter Burke, revela aspectos importantes a respeito da difusão do livro no início da Idade Moderna:

...O primeiro problema é o acesso físico: os livros conseguiam chegar aos camponeses e artesãos? Não era um grande problema para os citadinos, que podiam encontrar livros à venda no St Paul's Churchyard, em Londres, em Pont-Neuf, em Paris, na Puerta Del Sol, em Madri e muitos outros lugares, muitas vezes pendurados num cordão na rua (é por isso que os espanhóis ainda chamavam os exemplares de literatura popular de Literatura de cordel). Para a maioria da população, que vivia no campo, o problema da distribuição era maior, mas não insolúvel. Os livros e outros materiais impressos, como folhetos, podiam ser comprados nas feiras ou com mascates e cantadores ambulantes de baladas...15

Para Burke, jamais haveria um costume popular imutável e límpida no princípio na Europa Moderna e nunca teria existido. Logo,

não haveria uma causa específica para retirar os habitantes das zonas urbanas. Ele teve dificuldade de perceber que a cultura de um povo nunca seria de uma única forma e tampouco da mesma natureza da outra. Com certeza, a natureza humana se submeteria a novas mudanças.

Os Cordéis passaram a ser negociados em feiras e mercados pelos próprios cordelistas. A Literatura de Cordel surgiu como forma de propagar a Arte e as Tradições da cultura de um povo e dos autores da localidade, crescendo em importância por perpetuar autores dessas regiões, preservando e divulgando as tradições literárias regionais e folclóricas.

A partir da divulgação para as grandes cidades, conforme já citado, podem ser encontrados fartamente em lugares como Rio, Minas, e São Paulo, em apresentações culturais de todo tipo, sendo vendidos por camelôs e encontrados, inclusive, em livrarias diversas. A Literatura de Cordel trouxe todo esse aspecto literário e cultural presente atualmente, o que pode ser verificado em diversos cordelistas, conforme citaremos a seguir. Como já expusemos anteriormente, falaremos de alguns autores que, com uma linguagem muito simples, conseguiram se destacar, apesar de estar totalmente fora da dita “norma culta”. Sendo assim, devido à expressão de suas vivências, deixaram novas experiências de vida para outrem, levando as pessoas a reverem seus conceitos e preconceitos. Alberto Porfírio (Horizonte Editora, 1978) teve centenas de livros na literatura de âmbito popular. Suas obras tinham temas como o vício do cigarro, ou melhor, falava em seus repentes sobre tabagismo e outros tipos de vícios que acabavam com as pessoas. O poeta também abordava temas, relacionados ao estudo das ciências dos seres vivos no âmbito social. Possuía uma brilhante memória e cantava seus poemas de cor e salteado, quantas vezes fosse necessário. Também tinha talento para produzir xilogravuras e era escultor, além do dom de reconhecer novos repentistas, com bastante desenvoltura para prosear. Ficou famoso com o tema extraído do livro, “Poetas Populares e Cantadores do Ceará”. Vejamos um trecho de seu poema:

*...O professô dos menino
Fala, fala chega estronda!
Querendo qui eu acredite
Qui a terra seja redonda.*

*Não, senhor, num acredito
Nunca pude acreditá
Qui viva assim todo mundo
Andando em cima duma bola
Sem nunca iscorregá!
Vós mincê preste atenção,
Um monstro cuma é o trem!...
Si a terra fosse redonda,
Iscoregava tombem...16*

Estava entre os homens que deixaram a poesia cada vez mais saborosa de se ler e fizeram a diferença na Literatura Cordel, mostrando que essa forma de expressão e comunicação tão simples poderia exaltar nossas vidas, fazendo com que todos independentes da época, mantenham relações humanas até hoje. Outro poeta abaixo que enfatiza mais nosso trabalho; Aldemiré outro poeta que pode enfatizar este trabalho. Conhecido como o Glosador ou a Sucursal do Romcy construída no Pau D'arcal, tem a característica de homem simples, semianalfabeto, porém dotado de grande sapiência, considerada por todos incomum. Ele gostava de viver sozinho, levando uma vida pacata e campestre, fato que o ajudava a escrever seus poemas. Veja abaixo a maneira simples de contar os acontecimentos por ele vividos:

*Eu saí do Três Zimão.
Fui morar no Canfundó
No começo foi milho.
Mas no fim deu confusão
Estou certo que o Fundão.
É lugar de povo brabo
Seu Chico, agora desabo.
Mas não ficou aos imboléu
Adeus, Chico Samuel.
Sua terra entrego ao Diabo!
Ouvi dizer que o Sinhô.
Um dia pensando mal
Foi bater no Pau-D'arcal.*

*Pensando no seu amô
E quando por lá chegô .
Cum preze no coração...
Valente que só o cão.
Foi chegando o Luiz Marco
Cum pedaço de pau-darco.
Botou ele pro Fundão.*

Esse poema evidencia que a linguagem e a literatura de cordel andam juntas e, se tal não ocorresse, nunca saberíamos a respeito de épocas passadas e como essas interações influenciam em nossas vidas até hoje.

Aldemir, em seu poema muito popular relacionado acima, deixa bem claro sua natureza nata, demonstrando o quanto amava o que fazia. E nem por isso, por não conhecer direito a norma culta, deixou de ter seu momento de glória, na cantoria de seus poemas O que importava para ele era contar suas experiências vividas, mostrando tudo o que aprendeu e tudo o que passava a sua volta.

A Literatura de Cordel e a Linguagem podem claramente abrilhantar a vida de pessoas de classes sociais diferentes. Deste modo, jamais podemos deixar de enfatizar que a Gramática Normativa é de suma importância para alcançarmos novos horizontes e termos melhor senso crítico. Entretanto, dentro de nossa pesquisa, podemos observar que existem casos diferenciados, como vamos ver abaixo. Há um enorme preconceito no que se refere às pessoas que possuem o poder lexical avançado, em detrimento daquelas que possuem a linguagem popular. A camada social conhecida como a “elite” deve olhar para frente e levar em conta as diversidades de credo, religião, região, cultura e sociedade. Deste modo, nossa pesquisa mostra que, nos tempos atuais, é vergonhoso ainda acontecer esse tipo de situação. Por causa desses preconceitos, os indivíduos perdem oportunidades de empregos, casamentos, afetando também a vida emocional e familiar. Outro autor que propagou sua poesia popular, deixando seu legado dentro da literatura de Cordel, foi Antônio Gonçalves da Silva. Sua vida se transformou e ele se tornou um dos maiores dentre os poetas clássicos dessa literatura. Conhecido como Patativa do Assaré, morava num minúsculo pedaço de terra rural, em Serra de Santana,

no Sul de Ceará. Como essa terra pertencia a seus pais, era herdeiro no meio de cinco irmãos, sendo ele o mais velho. Como era de uma família humilde, frequentou a escola por apenas um semestre, tendo que, como os demais de sua região, começar a trabalhar desde cedo com a enxada. A simplicidade de sua vida, no entanto, não impediu que sua raiz poética germinasse. Transformou-se em um dos maiores cantores de poesias populares, nas quais expressou fatos de sua vida e dos seus, dentro do cotidiano de sua região. Tudo isso fora da chamada norma culta, tendo conseguido, entretanto, expressar suas opiniões e comunicar-se com pessoas dos centros urbanos ou de camadas mais letradas da população.

No poema abaixo, um dos mais conhecidos, provavelmente o que o tornou famoso em todo o país (Aos poetas clássicos), quando Patativa, numa metalinguagem capaz de igualá-lo aos grandes nomes de nossa literatura, expressa seu fazer poético.

*Poetas niversitário,
Poetas de Cademia,
De rico vocabulario
Cheio de mitologia;
Se a gente canta o que pensa,
Eu quero pedir licença,
Pois mesmo sem português
Neste livrinho apresento
O prazê e o sofrimento
De um poeta camponês
Eu nasci aqui no mato,
Vivi sempre a trabaiá,
Neste meu pobre recato,
Eu não pude estudá
No verdô de minha idade,
Só tive a felicidade
De dá um pequeno insaio
In dois livro do iscritô,
O famoso professo
Filisberto de Carvaio.
No premêro livro havia*

*Belas figuras na capa,
E no começo se lia:
A pá – O dedo do Papa,
Papa, pia, dedo, dado,
Pua, o pote de melado,
Dá-me o dado, a fera é má
E tantas coisa bonita,
Qui o meu coração parpita
Quando eu pego a rescordá ...*

Depois de lermos o trecho do poeta, percebemos que ele expressa a concretização das diversidades culturais, religiosas, regionais, políticas e sociais entres os indivíduos. Mesmo que esses não possuam a Gramática Normativa. Apesar de tudo, não podemos, evidentemente, eliminar, de nossas vidas, a norma culta, pois ela é fundamental para podermos, dentro da língua, alcançar o senso comum, através da comunicação, da expressão e do melhor relacionamento e entendimento entre os seres humanos.

Renato Caldas é outro autor que pode reforçar a temática desenvolvida nesse trabalho. Ele gostava de poesia popular ou poesia matuta, vivia na farra e era despreocupado com a vida. Porém estimava as melodias selvagens de forma simplória e natural. Em seus poemas, falava do amor e da singeleza da vida das pessoas que moravam no campo. Não obstante, mencionava também a beleza das mulheres. A obra dele que se destacou, retirada do livro *Fulô do Mato*, chama-se: “Toda Sodade É Assim”; Vejamos apenas um trecho:

*Hai muita expiloração!
Ás vez, a gente lucrou-se
De tão pouco, qui acabou-se
Sem o gosto do bom senti.
Depois dos tempos passados
Os gostos vão ser cobrados
Com juro- sempre a subi.
As contas sempre são veia,
Só é nova a churrutéia
Se as lembranças vem cobrá.19*

Todos os autores mencionados nessa pesquisa colaboraram com a veracidade dos fatos abordados no primeiro capítulo, quando afirmou que as experiências de cada ser humano não devem ser mudadas, mas respeitadas e somadas com as experiências alheias. E os preconceitos devem ser totalmente banidos.

4. CONCLUSÃO

Esse estudo baseou-se na evolução, realidade e definição da Linguagem e da Literatura de Cordel, através de pesquisas bibliográficas de autores renomados, quando se mostrou a interação de experiências intrínsecas dos seres humanos, ressaltando que podemos nos comunicar e nos expressar de maneira diferenciada, respeitando a cultura, o credo, a região, a política e o aspecto social de todos. O respeito de cada um pode fazer a diferença no lado familiar, sentimental, pessoal, profissional e, conseqüentemente, na linguagem dos mesmos. Devemos estar abertos às mudanças na linguagem e às coisas novas, sem termos medo de perder nossas raízes, incluindo, neste caso, nossa língua mãe. Devemos aceitar as linguagens diferenciadas de todos os indivíduos, sabendo que elas fazem parte da nossa cultura e das outras, bem como das linguagens adquiridas de outros países, que foram absorvidas através de relacionamentos com pessoas de culturas diversas. A era Medieval e a Moderna expressa através do surgimento da Língua Portuguesa e de sua respectiva literatura se entrelaçaram através dos tempos e da linguagem, mostrando, nesse trabalho, o quanto a linguagem e a literatura popular, a qual deu origem ao cordel nordestino, contribuíram para a expressão popular na sociedade brasileira contemporânea. Os autores aqui abordados foram importantes para o melhor entendimento dessa pesquisa bibliográfica. A importância da natureza intrínseca associada à fala de cada um de nós também teve parcelas de culpa para abrilhantar a realização do mesmo, pois, anteriormente, relatamos histórias de vidas de alunos e pessoas que aprenderam com a diversidade de culturas e vivências alheias, fatos relatados no primeiro capítulo. Então, podemos afirmar que, mesmo que nossa vivência não sofra muitas alterações, podemos, a cada dia, aprender uns com os outros. Sendo assim, nossas experiências de vida são mutáveis. Diante do que foi desenvolvido nessa

pesquisa, pode-se afirmar que, ao invés de impor mudanças na natureza intrínseca dos indivíduos, deve-se buscar a compreensão, respeitando o contexto de vida dos mesmos, somando as experiências adquiridas, ao longo da vida, as quais podem se adaptar às circunstâncias. Para tanto, devem-se eliminar preconceitos natos, caso os tenha.

5 REFERÊNCIAS

ALMEIDA, João Ferreira de: A Bíblia e Hinário Novo Cântico. Antigo e Novo Testamento. Revista e Atualizada. Co-Edição: Sociedade Bíblica do Brasil. Barueri – SP: Casa Editora Presbiteriana. 2ª Edição. 1999.

BAKHTIN, Mikhail. A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: O Conceito de François Rabelais. São Paulo: Editora Hucitec. Tradução de Yara Frateschi Vieira. 7ª Edição. 2010.

BURKE, Peter. A Cultura Popular na Idade Moderna. São Paulo. Editor Copyright. Tradução Denise Bottmann. Europa, 1500-1800. 2010.

DEMO, Pedro. Ser Professor é cuidar que o aluno aprenda. Porto Alegre: Editora Mediação. 2006.

FILHO, Domício Proença. A Linguagem Literária. São Paulo: Editora Ática. Edição Revista e Atualizada. Série Princípios. 2007.

GARCIA, Othon M. Comunicação em prosa Moderna. Rio de Janeiro: Editora. FGV. 26ª Edição. 2010.

[Http://www.releituras.com/patativa_poetasclassicos.asp](http://www.releituras.com/patativa_poetasclassicos.asp).

[Http:// www.acordacordel.blogspot.com](http://www.acordacordel.blogspot.com)

JAKOBSON, Roman. Linguística e comunicação. São Paulo: Editora Cultrix. 1969.

KOCH, Ingedore G. Villaça. Argumentação e Linguagem. São Paulo: Editora Cortez. 12ª Edição. 2009.

ORLANDI, Eni Puccinelli. A linguagem e Seu Funcionamento: As formas do Discurso. São Paulo: Editora Pontes. 4ª Edição. 1996.

SARAIVA Antônio José. História da Literatura Portuguesa. Lisboa: Editora Porto LDA. 7ª Edição, Corrigida e Actualizada. 1955.

SAUSSURE, Ferdinand, de. Curso de Lingüística Geral. São Paulo: Cultrix, 2006.

SPINA, Segismundo. A Cultura Literária Medieval. São Paulo: Ateliê Editorial. 2ª Edição. 1997.